



Editorial

TEORIZANDO SOBRE A NOSSA PRÁTICA E PRATICANDO AS TEORIAS NOSSAS DE CADA DIA...

“Tudo aquilo pode e deve mudar, e até espero que não demore. Pois é tão escura a noite que já não pode demorar muito a aurora”¹.

Estamos todos perplexos só de imaginar que, daqui a pouco, despontará um novo século e, conseqüentemente, um novo milênio. Ao escrever estas linhas, desaguam sob nossas cabeças turbilhões de utopias adormecidas, prenunciando, nos liames da *desesperança*, a própria esperança rarefeita e reconstruída, e ainda, o brilho da resistência. Nesta perspectiva tentamos espremer, de todas as misérias e epidemias que nos assolam, um naco de riqueza e a busca de uma nova era. No limiar terminal de um ano, buscamos o equilíbrio em cima do fio da *indignação* e da *ternura* (“sin perdê-la jamás”), em cima da corda bamba da denúncia e anúncio de novas possibilidades de superação de todas as misérias da condição humana, cristalizadas na história do século em que vivemos.

Nestes momentos de festa, reflexão e despedida de um ano e começo de

outro, talvez seja de bom tom, em meio à alegria, às lágrimas dos fogos de artifício e do champanhe, indagarmo-nos uns aos outros, na seguinte linha do horizonte do pensamento:

*- ao nos aproximar da virada do século, é possível ainda alçar vôos de liberdade, democracia e felicidade? Ou vamos continuar em 96 reproduzindo os valores, a ética e as misérias do século XIX em pleno restinho do século XX? Quais as nossas metas para desconstruir a injusta distribuição da riqueza material e reluzente na opulência dos castelos do Brasil e do mundo? Somos capazes de irmos para além do jargão da **emancipação** praticando-a cotidianamente no seio da família, do amor, da amizade, do sindicato, da religião, da sexualidade, da escola e da universidade? Vamos terminar um ano e começar outro **sem teto e sem terra**. Sem teto para escrever um livro, plantar uma árvore e fazer um filho? Sem terra para dela poder **“retirar do trigo o milagre do pão e se fartar de pão...”**? É nesse emaranhado de indagações que se*

¹ Cf. Otto Maria Carpeaux, no prefácio do livro “Cultura de massa e Cultura popular: leituras operárias”, de autoria de Eclécia Bosí, Petrópolis, Vozes, 1986.

inscreve a globalização da economia enquanto palavra de ordem e ditando as ordens, homogeneizando a cultura, a miséria, as emoções e os desejos...

“Vivemos em uma época paradoxal, mas este paradoxo é maior nos chamados (eufemisticamente) países emergentes. A globalização dos mercados é uma força centrípeta e centrífuga ao mesmo tempo: inclui e exclui radicalmente as populações dos países periféricos.”²

As reflexões e questionamentos acerca do tempo em que vivemos, acima aludidos pretendem consolidar a cara teórica-crítica desta revista e os compromissos epistemológicos, políticos e sociais assumidos desde a sua criação em 1988³. Optamos por este modelo para nos contrapor ao uso e abuso modista do *pluralismo científico e ideológico* tão decantado em alguns setores da academia, que termina por empatar às vezes os caminhos da resistência pela via da suposta *neutralidade científica*.

Na tentativa de garantir aos leitores um tríptico exercício de *imaginação sociológica*, envolvendo uma *sensibilidade histórica, antropológica e crítica*⁴, resolvemos homenagear nesta edição o ícone e a estrela maior da sociologia

brasileira, Florestan Fernandes. Esta homenagem é indubitavelmente importante, considerando que homens como ele, de coerência intelectual e política, são uma espécie em extinção nos corredores das universidades brasileiras.

Ao longo de sua existência, a *Motrivivência* tem priorizado as tematizações emergentes e de relevância pública, social e epistemológica. Temas como o *Currículo*, o *Esporte*, o *Corpo*, a Educação Física na escola pública e a Pesquisa, fomentaram debates e polêmicas nas graduações e pós-graduações em Educação Física em algumas universidades brasileiras. As temáticas até então veiculadas decerto oportunizaram o nascimento de outras subtemáticas e fomentaram outras categorias de análise da realidade, novos olhares sob novos objetos de investigação. Neste sentido, reconhecemos a necessidade de reeditoração de alguns temas e conteúdos, os quais ficarão em prontidão para outras edições.

Neste número resolvemos “teorizar” sobre a prática teórica e “praticar” a teorização a respeito da relação teoria e prática no contexto da Educação Física. Tal opção se deu ao folhearmos a produção científica da área e constatar que a relação teoria e prática é tratada

² Cf. Martins Suzuki Júnior, Folha de São Paulo, 02/12/1995, p.5-6, Ilustrada, artigo: “Caetano exibe a face mais bela da nostalgia”.

³ No número passado, relatamos a história da revista, procurando situar os seus diversos colaboradores ao longo dos seus oito anos de existência. Queremos acrescentar neste número a colaboração permanente da Secretaria Estadual do CBCE/SE nas pessoas de Ingrid D. Wiggers, Walburga Assis da Silva, Fátima Lima, Solange Lacks, Jorge Carvalho, José Américo Santos Menezes, Alexandre Henrique R. de Menezes, Iracema Soares de Souza, Francisco Igor Oliveira Manguiera e outros.

⁴ Cf. Giddens, Antony. *Sociologia: uma breve porém crítica introdução*. Rio de Janeiro : Zahar, ed., 1994.

indiretamente, ou com absoluta raridade. Assim é que achamos por bem “mexer” com este assunto, reunindo pesquisadores da Educação Física, mas sobretudo de “outros” campos do conhecimento, no sentido de ajudarem a desconstruir mitos, equívocos e limites e, ao mesmo tempo, apontar caminhos, pistas e possibilidades para o redimensionamento da relação teoria e prática.

Este número pode ser considerado como uma antologia inicial e temporária sobre o tema em debate. Poderá se constituir num legado dos autores para repensarem as práticas científicas e pedagógicas das escolas e universidades que pretendam promover os estudos da corporeidade do homem e mulher contemporâneos à luz de outros universos teóricos/práticos.

Os artigos aqui contidos privilegiam concepções que nos falamos no âmbito do cartesianismo, da intercomplementariedade e da unidade entre teoria e prática. A estrada construída pelos autores é larga e vasta, e a “viagem” é excitante e incitante, apresentando aqui e acolá “pistas” e atalhos conflitantes, contraditórios e, até, superadores.

Santos Filho abre o encontro teórico-reflexivo com o texto “Teoria e Prática: a relação necessária”, no qual ele tenta mostrar a possibilidade e a necessidade da integração, destacando que a questão da relação teoria e prática tem importantes implicações para a prática da pesquisa, para a prática curricular e para a prática da formação de profissionais em qualquer campo de trabalho.

Gamboia contribui com seus escritos intitulados “Teoria e Prática: uma relação dinâmica e contraditória”. O autor sugere que “tanto a teoria como a prática são partes da ação social huma-

na, a qual não resulta de uma teoria posta em prática, nem de uma prática que se torna teoria, mas da inter-relação dinâmica e complexa em que uma tensiona a outra”.

Kunz escreve sobre “A relação Teoria/Prática no Ensino/Pesquisa da Educação Física. Ele procura vincular o conceito de teoria às produções teóricas do conhecimento e à sua transformação em ações concretas na realidade específica.

Demo nos traz reflexões sobre a *Pesquisa Participante*, apresentando questionamentos que contemplam dois posicionamentos interligados: de um lado, a exaltação das virtudes deste modelo de pesquisa, já que é uma proposta metodológica fundamental e necessária, desde que exista interesse em mudar a realidade; de outro lado, aponta dubiedades notórias, em particular o escamoteamento de incompetências técnicas e metodológicas que dificultam processos emancipatórios.

Marcellino ressalta a falsa dicotomia Teoria/Prática na Educação Física, de modo mais específico no campo dos Estudos do Lazer, e as consequências para a formação profissional.

Jeber direciona suas análises para a Relação Teoria e Prática no ensino e suas implicações para a Educação Física Escolar.

Melo nos leva, por meio de apontamentos na história, a refletir sobre o desenvolvimento e a criação das escolas e cursos de formação de professores na Educação Física brasileira, questionando, neste contexto, os aspectos inerentes à relação Teoria e Prática.

Escobar retoma a discussão da “*Cultura Corporal na Escola: tarefas da Educação Física*”. A autora amplia o vasto conceito de “Cultura Corporal”,

situando-o pedagogicamente no campo da Educação Física e à luz dos pressupostos da Pedagogia Crítico-Superadora.

Wajskop apresenta seu artigo “A brincadeira entre a Teoria e a Prática”, sugerindo algumas pistas para a reflexão sobre as diferentes práticas educativas e suas relações com a brincadeira infantil.

Taffarel propõe o redimensionamento do tempo pedagógico necessário para aprendizagens sociais na área da Educação Física Escolar. O tempo pedagógico é redimensionado nas aulas, oficinas, seminários, festivais da Cultura Corporal esportiva e workshops, onde o trato com o conhecimento acerca da Educação Física e Esporte busca materializar o eixo curricular de ampliação das competências humanas para a construção crítica da Cultura Corporal.

Após os textos diretamente relacionados ao tema principal, surgem as seções com o objetivo de dar continuidade à discussão, aprofundar e enriquecer mais ainda a temática trazida à baila.

Na seção **PONTO DE VISTA** é colocado, a título de provocação, o jargão popular “Na prática a teoria é outra”. Será mesmo? O objetivo é desconstruir esta afirmação emprestando-lhe uma nuance mais crítica e reflexiva.

Em **EXPERIMENTANDO**, o objetivo é refletir sobre as ações pedagógicas cotidianas, nas quais se trava e se materializa o embate da relação Teoria e Prática. Os relatos abordam o Estágio Supervisionado, um projeto de esporte de lazer, a experiência de 1º de maio - dia do Trabalhador - e a prática pedagógica na disciplina Recreação.

Os **GRUPOS DE ESTUDO** são resgatados, ressaltando-se a importância dos grupos de estudo espontâneos, enquanto forma de resistência cultural e científica nas instituições, ao mesmo tempo em que são pulverizados e fragilizados se não forem compreendidos na inserção de projetos institucionais (CNPq, CAPES e outros). Os grupos de estudo aqui representados discorrem sobre as *diretrizes curriculares para a Educação Física Escolar*, como também sobre a *avaliação curricular do Curso de Educação Física da UFSC*.

CIENTIFIQUE-SE traz o ar de denúncia da exploração do trabalho infantil. A “Sentença do Tribunal Nacional contra o Trabalho Infantil” com certeza contém a síntese da indignação dos convidados e sindicalistas reunidos em outubro em Brasília. Ainda nesta perspectiva, são apresentados dois textos sobre o assalto à infância e cidadania infantil pela via do trabalho escravo, tanto no meio rural quanto urbano.

Abrimos a porta (**PORTA ABERTA**) na direção do final do trajeto, e eis que começa tudo de novo: novas reflexões e experiências sobre a Teoria/Prática da Educação Física: “*O início do caminho não é o fim da picada*” e aí é possível perceber “*O homem que dança...*”, a *formação do profissional, a informática na Educação Física, o futebol desporto e o futebol de rua, nossas paixões: a terra e a bola, a disciplina no treinamento desportivo e a prática de ensino*.

Finalmente Florestan Fernandes nos acena com o seu olhar sociológico, doce, indignado, crítico e utópico, apontando para as novas possibilidades de reconstrução das nossas *Teorias e Práticas* de cada dia.

O Editor